

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA O USO DE  
TECNOLOGIAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES****CONTINUED TRAINING OF TEACHERS FOR THE USE OF TECHNOLOGIES:  
CHALLENGES AND POSSIBILITIES**

Cyntia Simioni França<sup>1</sup>  
Okçana Battini<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo apresentamos uma pesquisa em desenvolvimento intitulada Professor Seu Lugar é Aqui, desenvolvida em parceria entre o Mestrado em Metodologias do Ensino e três escolas públicas na cidade de Londrina - Paraná, a partir de 2013. Fizemos um recorte para apresentar apenas a primeira etapa do projeto, em que consistia apenas nesse momento em ouvir as experiências dos professores acerca das tecnologias e seus processos formativos e ainda levantar quais as suas necessidades acerca dessa questão no espaço escolar. Tivemos a participação de 76 professores que dividiram as suas experiências, revelando que na maioria das vezes, ocorre um distanciamento entre os cursos ofertados pelos Núcleos Regionais de Ensino e a prática pedagógica do professor. Além disso, há uma tendência de cursos instrumentalistas que focam a técnica pela técnica. Nesse sentido, questiona-se a formação continuada de professores, bem como, os aspectos envolvidos nessa formação. Ainda impera modelos (instrumentais e/ou tecnicistas) de formação, realizados por meio de cursos aos quais são repassados aos professores discussões teóricas e metodológicas “prontas”. Ou seja, propostas formativas centradas em teorias, descontextualizadas da prática e muitas delas, desconsideram a realidade da escola e os sujeitos que ocupam o espaço escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação de professores; práticas pedagógicas; tecnologias da informação e comunicação.

**ABSTRACT:** In this article we present a research project entitled Professor Seu Lugar is Here, developed in partnership between the Masters in Teaching Methodologies and three public schools in the city of Londrina - Paraná, from 2013. We made a cut to present only the first stage of the Project, which consisted only at that moment in listening to teachers' experiences about technologies and their formative processes and also to raise their needs about this issue in the school space. We had the participation of 76 teachers who shared their experiences, revealing that in most cases, there is a gap between the courses offered by the Regional Teaching Centers and the pedagogical practice of the teacher. In addition, there is a trend of instrumentalist courses that focus on technique by technique. In this sense, it is questioned the continuous formation of teachers, as well as, the aspects involved in this formation. There are still models (instrumental and / or technical) of training, carried out by means of courses to which theoretical and methodological discussions are given to the teachers. That is, formative proposals centered on theories, decontextualized from practice and many of them, disregard the reality of the school and the subjects that occupy the school space.

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação. Professora da Universidade do Norte do Paraná. Pesquisadora do grupo de Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas tecnologias. Membro do grupo de Pesquisa GEPEC e KAIRÓS, ambos da Unicamp. E-mail:cyntiasimioni@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Doutora em Educação. Professora do Programa de Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas tecnologias (UNOPAR). E-mail: okcana@unopar.br

**KEYWORDS:** teacher training; pedagogical practices; information and communication technologie.

## CONHECENDO O PROJETO

Este artigo apresenta as primeiras aproximações que vem norteando o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa, constituído por professores do programa de Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias, pesquisadores e alunos de iniciação científica da Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR). Realizamos um mapeamento sobre o processo de formação continuada e a utilização das novas tecnologias em três escolas públicas estaduais, sediadas na cidade de Londrina – Paraná.

O projeto de pesquisa “Professor seu lugar é aqui” busca um diálogo com os professores acerca dos seus processos de formação continuada e sua relação com as tecnologias de informação e comunicação no espaço escolar. A formação do professor é um campo fértil para pesquisas e reflexões, quando compreende-o como protagonista do seu processo formativo. Partimos da necessidade de superar as tendências instrumentais de formação que tende a considerar os professores apenas como objetos e não sujeitos de suas práticas.

Os fundamentos teóricos-metodológicos que embasam a pesquisa em questão, defendem propostas de formação de professores que reconhecem a escola como *lócus* de construção do conhecimento e os professores como agentes produtores (CHERVELL, 1990). Buscamos estabelecer uma relação de diálogo entre os participantes da universidade (professores, pós-graduandos) e os professores da educação básica, visto que um dos objetivos do projeto é romper com a dicotomia entre a academia e a escola, e ao mesmo tempo, ampliar as relações sociais de todos os sujeitos participantes do projeto, amplamente afetada pelo avanço da modernidade<sup>3</sup> capitalista (BENJAMIN,1985).

## TECNOLOGIAS NO ESPAÇO ESCOLAR: UMA REALIDADE?

Discutir sobre tecnologias de informação e comunicação no espaço escolar tem sido um dos desafios para a formadores de professores, por conta dos embates hegemônicos disseminados

---

<sup>3</sup>O conceito de modernidade capitalista será tratado a partir das imagens benjaminianas, como um período ligado aos aspectos concernentes à modernização das forças produtivas e dos valores estéticos, dificultando a fusão das forças materiais e espirituais dos sujeitos, em nossa sociedade. Nesse sentido, partimos da leitura de Walter Benjamin (1985) que aponta a necessidade de pensarmos de forma alargada a concepção de modernidade capitalista. Nesse processo, torna-se essencial a inclusão da dimensão cultural e das sensibilidades para o entendimento da realidade social, no que tange à busca pela superação das tendências instrumentais que desconsideram o fazer dos sujeitos nas pesquisas.

pelas políticas públicas educacionais, acerca do uso das ferramentas tecnológicas e das propostas formativas, que acabam por conduzir para caminhos assentados em modelos instrumentais.

Podemos entender melhor esse debate nas palavras do pesquisador Wanderley (2012) quando realiza uma palestra acerca da “nova identidade da escola face às novas tecnologias de informação e comunicação”. Segundo o autor,

face à presença das novas tecnologias, o que se tem demandado da escola é que utilize estas tecnologias, que inclua entre seus componentes curriculares disciplinas específicas que habilitem os sujeitos ao uso destas tecnologias. Certamente as novas tecnologias dos meios de comunicação e informação não foram produzidas para a escola, mas os clamores contemporâneos vão no sentido de que elas sejam usadas nas salas de aula, pensando-se que assim a escola estará se reformando, mudando. Exige-se da escola que seja camaleônica em relação às mídias. No entanto, esta exigência que “modernizaria e atualizaria” a escola e seu processo de ensino deixa as questões de fundo intocadas. A incorporação de novas tecnologias pela escola em suas metodologias torna a escola mais “eficiente”, mas mantém sua mesma função: a reprodução dos saberes (e dos valores sociais). (GERALDI, 2012, p.1)

Em diálogo com Geraldi (2012) entendemos que a possibilidade de rompimento da reprodução dos saberes deve perpassar por questões que implicam pensar: que uso se faz tanto dos computadores como da internet no espaço escolar?

Nesse contexto, é de suma importância a figura do professor, no que tange a propostas de uso do computador e seu acesso a rede de internet para a realização de pesquisas no espaço escolar. Para além de consumir as informações na rede temos que pensar no potencial oferecido pela internet, como a possibilidade de leituras polissêmicas pelos alunos.

Estas possibilidades oferecidas pela internet nos permitem retornar à lógica da leitura: os sentidos são múltiplos, são construções e, portanto, mais do que certezas o de que dispomos são de possibilidades. Os horizontes de mundos possíveis se ampliam à medida que nossas construções de sentidos se tornam mais polifônicas. Com a internet o universo se saturou de textos e sua acessibilidade nos permite elevar a enésima potência as compreensões possíveis. Neste universo de textos, resta à escola ser o tempo de possibilidades de leituras. De leituras transgressoras. Ser o tempo de aprender a refletir sobre um cotidiano que nos assombra e em que habitamos. A escola é a única instituição social em que se pode, reunindo pessoas (crianças, jovens, adultos), fazer uma pequena parada no corre-corre que nos oprime, deixar o pó assentar, para refazer perguntas essenciais – para que estamos aqui? Que felicidade buscamos? [...] (GERALDI, 2012, p.1)

O autor nos estimula a ampliar o nosso olhar acerca de questões muito além de como usar as tecnologias no espaço escolar, mas fundamentalmente para quê? Reflexão que abarca refletir sobre tecnologias articuladas com a formação humana, o que nos chama a atenção para (re)pensar

os sentidos atribuídos às tecnologias dentro e fora da escola, a fim de que possamos problematizá-las na relação com o fazer docente.

Como ressalta a pesquisadora Barreto (2009, p.116)) que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) podem redimensionar o ensinar e o aprender “desde que o acesso à informação ou mesmo ao conhecimento, seja visto como condição necessária, mas não suficiente, à sua apropriação pelos sujeitos”. O que implica em alternativas de formação de professores que discutam as (re) contextualizações das tecnologias de informação e comunicação para além do “mérito” de serem novas ferramentas para realizar a “mesma” prática pedagógica. (BARRETO, 2009)

Bittencourt (2011), complementa esse diálogo ressaltando que a utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula não deve acontecer sem análise crítica, para que professores e alunos não reproduzam, por meios virtuais, os “velhos” métodos tradicionais.

É possível o uso das tecnologias no campo educacional pautada na emancipação do sujeito, pois

a técnica e tecnologia podem ser tanto meios do capital, como meios de emancipação. Por isto, pode-se afirmar que há também espaço para a construção de lógicas emancipadoras de criação e utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação escolar, como já são muitas as experiências práticas existentes neste sentido. (TAVARES, 2010, .102)

Nesse sentido, entendemos que a tecnologia por si só não formará o sujeito emancipado e crítico, mas a forma pela qual essa ferramenta será incorporada fará o diferencial na prática pedagógica e assim, podemos compreender o potencial libertador das tecnologias.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Acreditando na importância de dialogar e ouvir as experiências dos professores, bem como futuramente propor formação continuada em lócus, com as escolas investigadas, a partir das necessidades dos professores e levando em consideração as singularidades locais, apresentamos nesse artigo a primeira aproximação da pesquisa.

Realizamos um mapeamento através de questionário com perguntas abertas e fechadas, tendo como eixo três elementos investigativos: formação continuada, trabalho docente e metodologias de ensino para o uso de tecnologias, embora optamos nesse artigo, fazer um recorte para focalizar, principalmente, a formação de professores e o uso de tecnologias (computador e internet) no espaço escolar.

De um universo de 198 professores, apenas 76 professores de três escolas investigadas na cidade de Londrina, no estado do Paraná, responderam o questionário. Em seguida, iniciamos o processo de análise e encontramos inúmeros fios que podemos tecer durante o desenvolvimento da pesquisa.

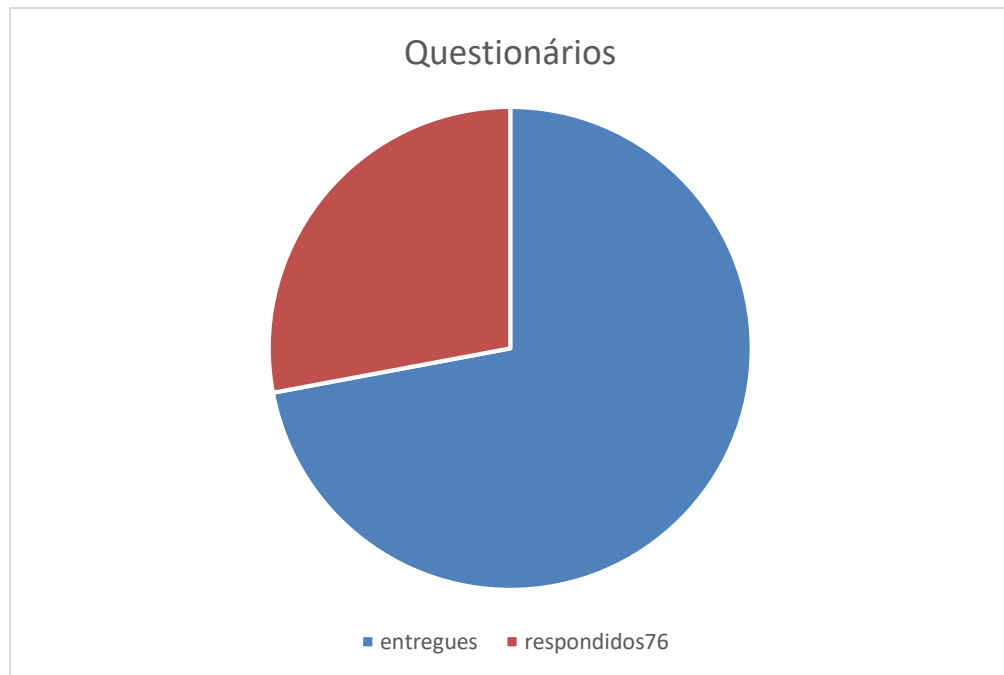


Gráfico 1- Questionários

Os apontamentos delineados pelos professores nos forneciam algumas pistas sobre a questão física do espaço escolar, como a existência dos laboratórios de informática e a disponibilidade de máquinas e rede de internet para professores e alunos.

Também voltamos o olhar para compreender os quesitos necessários para o uso dos recursos computacionais na escola. Além disso, nos preocupamos em identificar se os professores trabalham em suas aulas com a ferramenta computacional e, por fim, perceber quais as dificuldades que enfrentam no ambiente escolar quando se dispõem a trabalhar com as tecnologias em suas aulas.

Perguntamos se os professores realizaram curso de formação continuada para a utilização de novas tecnologias na prática pedagógica. Para essa questão, encontramos 39 professores afirmando que realizaram e 37 aprenderam sozinho a lidar com as ferramentas tecnológicas.

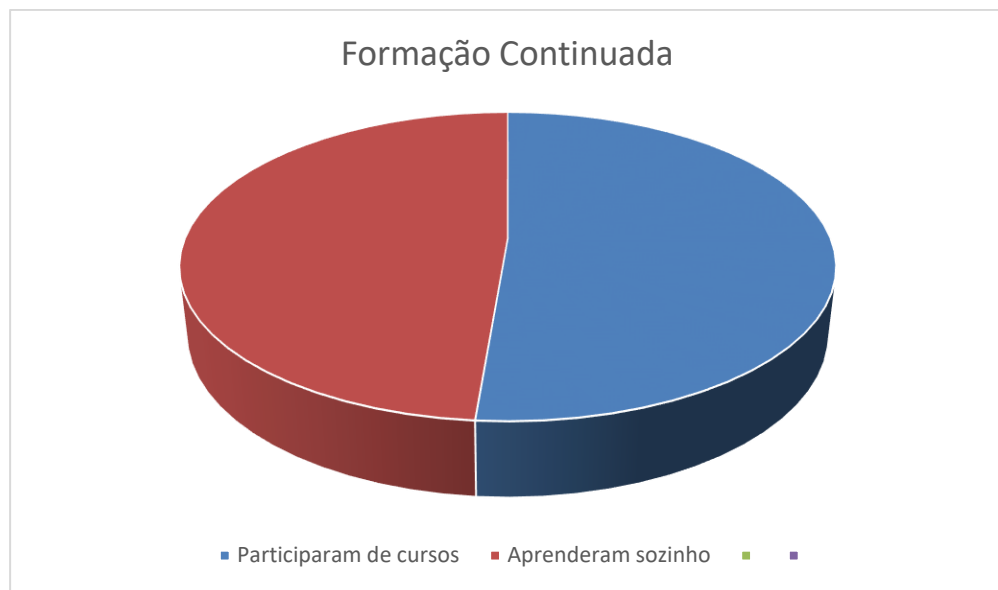


Gráfico 2- Participação em cursos de formação continuada para uso de tecnologias

Aqueles professores que responderam que participaram de cursos, identificamos que a maioria foram realizados em parceria com os Núcleos Regionais de Ensino, por meio dos Núcleos de Tecnologia Educacional. Entre os que mais estiveram presentes nos dados foram: TV *pen drive*, *tablets* e informática.

Quanto a questão da qualidade e das possibilidades de aprendizagens sobre o uso das tecnologias, pudemos perceber pela fala dos professores que na maioria das vezes, ocorre um distanciamento entre os cursos ofertados pelos Núcleos Regionais de Ensino e a prática pedagógica do professor, conforme o quadro 1:

Quadro1: Formação continuada e tecnologias

Professora O	Não há prática efetiva.
Professora U	Os computadores são ótimas ferramentas para serem utilizadas com os alunos, porém o sistema operacional limita a aplicação de todos os recursos que poderia utilizar e nossos cursos são apresentadas algumas propostas que muitas vezes se tornam difíceis de serem aplicadas.
Professora H	A carga horária insuficiente para novos aprendizados.
Professor V	Raramente são cursos que trazem novas práticas. (...) É necessário que se faça longas discussões sobre o assunto.

Professor F	Nesses cursos já discutem temas que já sabemos, o interessante seria ajudar o professor no planejamento diferenciado desse tipo de aula”
-------------	--

Entende-se que o Núcleo de Tecnologia Educacional limita-se apenas a auxiliar os professores no que diz respeito à questão técnica da informática e pouco contribuem com a prática pedagógica do profissional, ou seja, utiliza-se da mesma metodologia para “treinar” todos os professores, independente da área de ensino. Podemos caracterizar esses cursos como aqueles de informática, no qual ensinam apenas a técnica para trabalhar com as máquinas. (FRANÇA, 2009)

Nesse contexto há de se problematizar uma questão: embora os governos federais, estaduais e municipais possuam uma política de inserção para usar os computadores nas escolas, com grupo de assessores técnicos específicos para isso, porém, os professores estão sendo “treinados” e destituídos das possibilidades de compreensão dessas ferramentas computacionais num contexto mais amplo da cultura, nas propostas formativas que participam.

Refletir acerca da formação continuada de professores em nosso tempo, exige um repensar das políticas públicas impositivas que desconsideram o pensar e o fazer dos docentes, e transmite o “passado para preparar um suposto futuro, mas deixa o presente intocado, sem mudanças, muitas vezes sem sentido” (KRAMER, 2009, p. 299).

Por isso, se questiona a formação<sup>4</sup> continuada de professores, bem como, os aspectos envolvidos nessa formação. Há que se considerar que, em sua grande maioria, ainda impera modelos (instrumentais e/ou tecnicistas) de formação, realizados por meio de cursos aos quais são repassados aos professores discussões teóricas e metodológicas “prontas” e modelos de professores. Observa-se ainda, que as propostas formativas permanecem centradas em teorias descontextualizadas da prática e muitas delas desconsideram a realidade da escola e os sujeitos que ocupam o espaço escolar. Portanto, são propostas pautadas no imediatismo do “aqui e agora”, com cursos, em sua maioria, superficiais e efêmeros. Essa proposta se dá pelo fato de que a maior parte das políticas formativas estão atreladas à concepção utilitária de formação, tendo como um dos eixos a necessidade de enquadrar as práticas pedagógicas dos professores aos ditames da modernidade (FELDFEBER, 2009)

Formação de professores, nessa perspectiva remete a ideia de que é algo definitivo,

<sup>4</sup>Defendemos que para além de formar professores há um “fazer-se professor”, em que há um emaranhado de relações que se constituem quando os professores se relacionam com diferentes sujeitos e os constituem ao mesmo tempo. Para aprofundar a discussão pertinente a formação de professores, a referência para esse debate é a tese de doutorado: PAIM, Elison. Memórias e experiências do fazer-se professor. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2005.

que a forma de fazê-lo está pré-estabelecida, convencionada. Poderíamos usar a metáfora da linha de produção, a matéria-prima (aluno ingressante numa licenciatura) entrou sem saber e deverá sair o produto final (o professor formado). Vêm de longe, nos cursos de formação de professores, estas formas de pensar e agir. Os cursos estruturados para formar: ensinam determinadas regras, procedimentos, metodologias, conteúdos... e os professores estarão formados dentro do perfil desejado. Neste modelo não há espaço para a autonomia, produção, diferenciação, os imponderáveis que estes professores irão encontrar nas escolas, como alunos cansados, com fome, com uma sobrecarga de trabalho, com falta ou inexistência de materiais como livros, mapas... Muitos desses professores, no desespero acabam caindo na simples reprodução daquilo que o livro didático traz, acaba ficando um ensino meramente informativo, não há construção, produção. Como parte da mesma moeda, explicita-se a divisão de saberes, onde a academia produz e o professor na escola consome, nega-se qualquer possibilidade do professor produzir, ser sujeito do processo, ter autonomia. (PAIM, 2007, p.31)

Não defendemos a ruptura do processo de formação de professores dessas instituições. Porém, há que se repensar os aspectos que envolvem essa formação, com vistas a propiciar uma cisão dos modelos pautados na perspectiva da racionalidade técnica (instrumental) e pensar em uma formação que contemple a escola como *locus* de formação e o professor como protagonista do seu processo formativo.

Nas produções de Galzerani (2008) em seu artigo “Una Nueva Cultura para La Formacion de maestros: es posible?”, encontramos uma reflexão estimulante pautada na concepção thompsonianiana e benjaminiana trazida para o campo de formação de professores. A autora compreende a formação como um processo que ocorre ao longo da vida e não restrito apenas ao espaço escolar ou a universidade. Entendendo que todas as experiências vividas pelos professores nos constituem, ou seja, as experiências mais amplas dos professores são formadoras, vinculadas a uma dimensão de longa duração, historicamente situadas. O que nos possibilita pensar a incompletude do ser humano no seu eterno fazer-se.

Ao encontro dessa perspectiva, Paim (2005) em sua tese “Formar ao fazer-se professor” nos convida a pensar que a “passagem do formar ao fazer-se professor” acontece por meio das relações que são estabelecidas nos diferentes espaços que os professores se relacionam com outros sujeitos (alunos, pais, diretores, escola) e também a partir das suas experiências vividas (em casa, na igreja, em seu lazer, na sua família).

Paim (2007, p.32) defende que para além do formar-se professor, existe um fazer-se professor, o que implica pensar em “outra” formação que possibilite ao professor se fazer, ou seja, que o professor seja “sujeito do processo educacional, autônomo e se perceba produtor de



conhecimentos em conjunto com seus alunos, respeitando as diferenças, especificidades, que os compreendam como possuidores de saberes que precisam ser respeitados”.

Portanto, na perspectiva do “Fazer-se Professor” apresentada por Paim (2007, p. 32) a formação é um “processo contínuo, que ocorre ao longo de toda uma vida e não apenas num dado momento ou lugar”. Compartilhando da acepção de Galzerani (2008) e Paim (2007) pensarmos na incompletude do ser humano e no seu eterno fazer-se.

Ao encontro de Paim, Veiga (2009) entende que os processos formativos, quando compartilhados e realizados em uma perspectiva de uma educação crítica e emancipadora, poderão ampliar o domínio dos saberes da docência, a unicidade entre teoria e prática e autonomia profissional. Uma formação que implica entender o papel da docência e o professor como agente social, já que esse processo é um ato político e inacabado, ou seja, é uma ação contínua.

Para Nóvoa (2009) é de fato compreensível que não haverá nenhuma mudança significativa, se a formação do professor não passar para dentro da profissão, ou seja, os professores como agentes na formação dos seus colegas de profissão. As propostas teóricas só fazem sentido se construídas dentro da profissão e apropriadas de reflexão dos professores sobre o seu trabalho, buscando-se assim o sentido na escolha dos caminhos a serem seguidos. Ao contrário disso, Behrens (1996) ressalta que se forem medidas apenas de fora, não atenderão as necessidades docentes, pois por si só, nenhum curso de formação transformam as práticas pedagógicas, principalmente, quando as propostas formativas continuarem estanques e desligadas das experiências e do universo cultural dos professores.

Portanto, não basta simplesmente cursos rápidos, corriqueiros e meramente técnicos para que as tecnologias sejam incorporadas de forma crítica no espaço escolar, pois como aponta a professora H: “A carga horária é insuficiente para novos aprendizados”.

Diante desse cenário, compreendemos as necessidades dos professores, pois deixamos um espaço aberto no questionários para que delineassem os seus anseios, para que, futuramente, possamos contribuir e construir processos formativos juntos atrelando as questões metodológicas de ensino com os recursos tecnológicos, a partir das suas dificuldades e expectativas.

Os professores demonstraram interesse em participar de cursos de formação continuada que tenham como foco a inserção das tecnologias educacionais articulados com às questões metodológicas de suas disciplinas específicas. Podemos perceber essa questão nas falas do quadro

2:

Quadro 2- Interesse em participar de cursos oferecidos pelo projeto de pesquisa

Professora B2	Cursos de formação; projeto de extensão e oficinas metodológicas.
Professora L	Compartilhar espaços de experiências no laboratório de informática.
Professora B3	Oficinas ao longo do ano que articule a disciplina específica com as ferramentas tecnológicas.
Professor M	Cursos que possibilite partir das nossas experiências e das nossas singularidades locais.

Ao analisar as falas dos professores entendemos que estão interessados em estabelecer parceria entre universidade e escola para o desenvolvimento de diferentes metodologias de ensino que possibilite ações pedagógicas mais significativas para o fazer pedagógico de cada professor. Além disso, é importante que considere as experiências vividas dos professores, bem como as suas diferentes realidades. Outro dado importante é que articule a disciplina específica com as tecnologias e não a técnica pela técnica, caso contrário, cairemos em propostas instrumentalistas.

Esse fato nos motivou a pensar no segundo momento da proposta do projeto de pesquisa, em conversar com os professores e juntos construirmos oficinas que pudessem partir dos saberes experiências<sup>5</sup>, pois reconhecemos que os professores são produtores de conhecimentos (CHERVELL, 1990) e não simplesmente transpositores didáticos (CHEVALLARD, 1995). Atentamos ainda, a necessidade de considerar as singularidades das diferentes realidades escolares.

### ALGUNS APONTAMENTOS

Foi possível perceber nessa pesquisa que a simples incorporação das tecnologias não gera mudanças nas práticas pedagógicas dos professores, mas a forma como os professores se apropriam das ferramentas, o que implica pensar, principalmente, nas propostas de formação de professores que superem cursos de reciclagem, capacitação ou treinamento que esvaziam os

<sup>5</sup>Saberes pessoais, subjetivos, relativos. Saberes receptivos, atravessados pela abertura ao outro, em movimento e transformação. Saberes imbricados em uma trajetória dilatada de formação docente que abarca a longa duração (TARDIFF, 2014).

processos formativos e afastam os professores de suas experiências vividas e de suas realidades locais.

Ao ouvir as experiências dos professores com relação ao uso das tecnologias e sua relação com as propostas de formação de professores, pensamos nesse debate a “contrapelo” dos elementos apontados pelos professores e de tendências hegemônicas de formação na modernidade capitalista.

Pretendemos nesse projeto de pesquisa, na segunda fase propiciar “outras” possibilidades de formação continuada dos professores que supere as tendências instrumentais, buscando ancorar-se na racionalidade estética (MATOS, 1989) para construir junto com os professores uma proposta de formação para o uso das tecnologias que se preocupa em trazer as experiências dos professores e que estes possam se reconhecer enquanto sujeitos dos seus processos formativos. Defendemos nesse projeto de pesquisa “Professor Seu Lugar é aqui” propostas de formação de professores que aconteçam no espaço da própria escola, a partir dos anseios dos sujeitos que constituem e são constituídos no espaço escolar.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Raquel. Tecnologias na formação de professores: o discurso do MEC. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n.2, p.271-286, jul/dez.2003. <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a06v29n2.pdf>

\_\_\_\_\_. *Discursos, Tecnologias, Educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

BEHERENS, Marilda. *Formação Continuada e a Prática Pedagógica dos professores*. Curitiba: Champagnat, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*, trad. S.P. ROUANET, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 4ed. São Paulo: Cortez, 2011

CHERVEL, A. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. Teoria & Educação, n. 2, 1990, p. 177-229.

CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica. Del saber sábio al saber enseñado*. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1995.

FRANÇA, C.S. *Possibilidades e limites na construção do conhecimento histórico escolar em conexão com o mundo virtual*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Londrina, 2009.

FELDFEBER, Myrian. Internacionalização da educação, “Tratado de livre comércio” e políticas educativas na América Latina. In: FERREIRA, Elisa Bartolozzi; OLIVEIRA, Dalla Andrade (Org.). *Crise da escola e políticas educativas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 65-80.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério; PARDO, Maria Benedita Lima; LOPES, Amélia (Orgs.). *Una “nueva” cultura para la formación de maestros: es posible?*. Porto, Portugal: Ed. Livipsic/AMSE-AMCE-WAER, 2008a.

GERALDI, João Wanderley. A nova identidade da escola face às novas tecnologias de informação e comunicação. III ENTEL, UNIJUÍ, 2012. Disponível em <http://portos.in2web.com.br/passagens-blogdogeraldi/130-a-nova-identidade-da-escola-face-as-novas-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-2-i>

KRAMER, Sonia (Orgs.); JOBIM E SOUZA, Solange; *Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2009.

MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro*. São Paulo: Brasiliense. 1989.

NÓVOA, Antonio. *Professores imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009. Disponível: <http://www.slideshare.net/mzylb/antonio-novoa-novo-livro>

PAIM, Elison Antonio. *Memórias e experiências do fazer-se professor*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005.

PAIM, E. A.. Do formar ao fazer-se professor: perspectivas em confronto. In: II ENCEBIO - Encontro Regional sobre o Ensino em Ciências e Biologia: A Pesquisa e a formação de Professores, 2007, Chapecó. *Anais do II Encontro Regional sobre o Ensino de Ciências e Biologia*. Chapecó: Curso de Ciências Biológicas da UNOCHAPECÓ. v. 1. p. 30-42.

TAVARES, Rosilene Horta. Tecnologias da Informação e comunicação: A Lógica Instrumental do Acesso. In: COSTA, Fernando Albuquerque et al. (ogs.). *ticEDUCA2010 – I Encontro Internacional TIC e Educação: Inovação Curricular comTIC*. 2010. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

TARDIFF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Aventura de formar professores*. Campinas: Papyrus, 2009.

<b>Data de Recebimento: 05/10/2016   Data de Aprovação: 01/12/2016</b>
--